



Celso Edmundo Bochetti Foelkel

Vice-presidente da ABTCP

Garantindo o suprimento futuro de madeira

deremos certamente ter um bom e rentável negócio florestal, mas não devemos esperar excepcionais resultados. Se isso acontecer, será por pouquíssimo tempo e para poucos. Não há como manter uma indústria de papel, de móveis, de construção civil, de embalagens, com base em matérias-primas demasiadas caras.

Hoje, vivemos um desbalanceamento na oferta e procura das madeiras de reflorestamento, mais particularmente dos Pinus, com reflexos em seu preço e na disposição de novos interessados em plantar árvores, esperando colher fortunas. Alguns terão resultados positivos, outros nem tanto. Plantar árvores produtivas não é uma tecnologia tão fácil e, se muitos o fizerem, o preço da madeira cairá de novo, pelo aumento exagerado da oferta. Em função da Lei dos Incentivos Fiscais ao Reflorestamento, que vigorou de meados dos anos 60's até meados dos anos 80's, conseguiu-se disponibilizar, no País, um estoque de madeira mais do que suficiente para atender às demandas, principalmente, a siderurgia e a indústria de celulose e papel.

Com o excesso de oferta que durou até recentemente, o preço pago pela madeira aviltou-se para baixo e o entusiasmo para se plantar florestas decresceu a partir dos anos 80's, até o momento atual. Devido ao preço baixo, muitos outros usuários surgiram, utilizando-a em produtos industrializados e até como biomassa combustível. Hoje, temos no país um grande número de produtos industrializados obtidos de forma eficiente e competitiva, a partir de madeiras de reflorestamento. Entretanto, a partir de 2002, com o crescimento vertiginoso de nossa indústria de base florestal, com caráter exportador, a oferta começou a escassear e os preços a aumentar. Considero isto altamente salutar para a nossa atividade.

Finalmente, a madeira de reflorestamento no Brasil está tendo um preço mais justo, que incentiva os produtores rurais a plantar árvores. Até recentemente isso não acontecia, devido aos preços desprezíveis. Há cerca de uma década, pagava-se por um metro cúbico de madeira na floresta em pé, algo entre 3 a 4 dólares. Não se esqueçam da taxa de câmbio da época. Significava vender cerca de 4 a 6 árvores por este preço, após todas as dificuldades e tempo para se plantá-las, crescê-las e deixá-las prontas para serem colhidas, isto com todos os riscos e burocracias envolvidos.

Atualmente, o preço mais que duplicou (e a taxa de câmbio idem) e os interessados em reflorestar aumentaram, na

expectativa de bons negócios, ou de aumentos ainda maiores nos preços. Caso não desbalancemos demais a oferta e a procura, o preço da madeira poderá continuar atrativo. Entretanto, se ela valorizar-se demais, a tecnologia sabiamente encontrará outras alternativas. Com isso, perdem todos na rede produtiva: os plantadores de árvores e os produtores de bens manufaturados de madeira.

De qualquer forma, não acredito que tenhamos grandes problemas no suprimento de madeira para a industrialização. Isso porque nossa indústria é dinâmica, competente e flexível. Sabemos encontrar tecnologias e alternativas que mantenham nossa capacidade de construir resultados. Esta crise momentânea nos ensinará a usar mais racionalmente nossas madeiras e a desperdiçar menos, coisa comum durante o tempo de preços baixos da madeira. Não podemos e não devemos querer construir uma indústria competitiva, baseada apenas em um preço miserável, a ser pago pela madeira. Por outro lado, um preço muito alto acabará forçando o desenvolvimento de novas e, talvez, ameaçadoras tecnologias, para as indústrias que delas se valem.

Como recomendação em função dessas reflexões, sugiro aos usuários de madeira de reflorestamento que procurem pagar pela madeira um preço justo, considerando como tal, aquele que seja motivador para que o produtor rural queira plantar árvores, como está acontecendo agora. Não tentem tirar proveito quando a situação voltar a ser de excesso de produção em relação à oferta, trazendo de novo o preço a valores desmotivadores aos plantadores. Procurem integrar-se mais a essa rede produtiva e não se comportem apenas como compradores de madeira para abastecer as suas máquinas.

Aos governos, sugiro que tentem compatibilizar a política de industrialização com a política agro-florestal, visando garantir um adequado suprimento de matéria-prima para resguardar a competitividade duramente conquistada pela nossa indústria de base florestal.

Em resumo, o sucesso da indústria depende também do sucesso dos plantadores de árvores. Todos precisam estar ganhando nesta cadeia produtiva. Os lucros precisam ser bem distribuídos ao longo da rede, e não apenas destinados aos produtos finais. Se soubermos administrar este processo, com os ensinamentos do momento atual, cresceremos e nos desenvolveremos mais e melhor. O problema é que a ganância é um dos pecados comuns do ser humano.

A madeira pode ser considerada como a primeira das *commodities* comercializadas e utilizadas pelo ser humano. No início de nossa civilização era encontrada abundantemente e, portanto, não deveria valer muito, pois bastava ser colhida pelos que dela necessitavam. A partir desta matéria-prima nossos antepassados construíram suas casas, móveis, esquifes, geraram energia e com as cinzas fertilizaram os solos.

Quando uma *commodity* é abundante, ela tem preço baixo, por outro lado, quando escasseia, seu preço sobe, mas se abre espaço para os produtos alternativos, que buscam espaço para substituí-la. Esse é o caso também da madeira. Quando seu preço sobe pela sua escassez, a tecnologia rapidamente desenvolve outros materiais para substituí-la e, às vezes, até mais eficientemente. Hoje, facilmente encontramos móveis com mínimo conteúdo de madeira, pisos de cerâmicas, quando anteriormente eram de madeiras, bem como embalagens de isopor ou plástico, esquadrias de alumínio, estruturas metálicas, etc, um grande processo de substituição, em pleno andamento.

Como resultado deste modelo, podemos conclusivamente dizer que a madeira, como *commodity*, deve e precisa ter sempre seu preço de comercialização baixo (mas não miserável), exceto para usos mais nobres e específicos, como artesanatos, obras de arte, produtos luxuosos, etc. Logo, qualquer expectativa de que a madeira torne-se um produto muito caro e valioso é mera especulação. Ela não se sustentaria assim e seria substituída em muitas de suas utilizações. Plantar árvores, esperando colher madeira que valha como ouro é uma suposição difícil de concretizar-se. Po-